

2 DE OUTUBRO

ADELA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL

— ADMINISTRADOR —

Joaquim Correia Dias

DIRECTOR E EDITOR — António

Ferreira Coelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA ANTERO DO QUENTAL, 18

ASSINATURA

Continente e Ilhas adjacentes semestre

\$75

1\$50

3\$00

Afríca e Brasil, ano

PROPRIEDADE DA EMPREZA

Composto e impresso na IMPRENSA PATRIA — Rua

Antero do Quental, 86 — OVAR

Primeira publicação,

Repetições, idem.

Permanentes, contrato especial.

ANUNCIOS

\$10 centavos a linha.

5 DE OUTUBRO

Faz hoje dez anos que em Lisboa se extinguiu, pelo meio da tarde, o eco da última granada da revolução libertadora. A velha monarquia caiu para sempre, envolta na sua mortalha de oito séculos, arrastada na sua debacel pelos próprios que se diziam seus servidores e esteios.

Nada lhe valera a larguissima folha de serviços que bem podia apresentar e praticara em prol da grandesa e prosperidade nacional. A conquista do território iniciada por Afonso Henriques e completada por Alonso III, o impulso dado á agricultura e ás letras desde os reinados do Duque de Bragança a Afonso V e a D. João III, o alargamento assombroso do nosso domínio desde o Estreito de Abila ao Cabo Tormentorio, ao Japão, á Nova Zelândia e á América; a resistência á opressão das consciências pelo fanatismo religioso armado com as fogueiras inquisitoriais, ao esmagamento das inteligências pelo despotismo retrogrado do ensino da Companhia dominadora e senhora absoluta no campo das letras e afinal estrangulada pela ferrea mão pombalina e á ignominiosa escravidão dos Filipes que durante 60 anos nos fizeram verter sem intermitências lágrimas de sangue e desespere, o despedaçar das almas de todas as tiranias que se operou depois do revulsivo de Bersford com as revoluções de 20 a 34, a entrada entusiástica na via larga do progresso europeu que vinha transformando, renovando e norteando para melhores destinos o antigo continente, nada disso que era muito e acusara em todos os tempos da sua existência, energia e amor inquebrantáveis ao solo e prosperidade nacional, valera ao regime oito vezes secular.

Tinha de ser, era bem que terminasse, não em nome das suas benemerências, dos arrancos patrióticos e heroicos na hora em que tudo parecia perdido e sem

remédio, mas dos erros que na frase de D. Carlos I, de longe vinham. A política rotativa, a velha política dos alcatruzes que se instalaram nos costumes portugueses como uma instituição nacional e que o monarca se esforçara por desterrar com decisão das esferas da governação pública, estragara tudo, lançara o país na mais completa e enervadora indiferença dos seus destinos. Pinheiro Chagas retratava a assim: «Política! A política portuguesa! Um escrívão que se nomeia e um delegado que se transfere! Se há coisa mais futil! A política é o crochete dos homens. Um crochete de Penelope.

Fazem uns o que outros desmarcham e desmarcham o que outros fazem! Mil vezes peor que o xadrez. Tão massadora que chega a ser divertimento, tão frívola que não pode ser ocupação.»

Ela agravara pelo despreso dos problemas mais interessantes á prosperidade do país, condições da vida, a ponto de a ninguém sorrir o futuro senão através da longínqua esperança de lá fôra, em país distante, grande estrangulada pela ferrea mão pombalina e á ignominiosa escravidão dos Filipes que durante 60 anos nos fizeram verter sem intermitências lágrimas de sangue e desespere, o despedaçar das almas de todas as tiranias que se operou depois do revulsivo de Bersford com as revoluções de 20 a 34, a entrada entusiástica na via larga do progresso europeu que vinha transformando, renovando e norteando para melhores destinos o antigo continente, nada disso que era muito e acusara em todos os tempos da sua existência, energia e amor inquebrantáveis ao solo e prosperidade nacional, valera ao regime oito vezes secular.

Era o caos no referver dos seus elementos em de-

sordem. A monarquia desembara, após oito séculos, neste inferno. Devia acabar: a vida portuguesa atravessava uma crise gravíssima de transição e, como sucede em todas as transformações químicas ou sociais, alguma coisa tinha de desaparecer dentro os elementos existentes e dar lugar ao surgimento de novos elementos.

Rebentara em Lisboa a revolução de 4 e 5 de Outubro, o canhão troava em terra e mar e no país inteiro dum ao outro extremo, faz-se o silêncio de expectação. Que irá surdir daí?

A bandeira verde rubra hasteada nos Paços do Município proclama a toda a cidade: «Baniu-se com a fuga do seu último rei, a monarquia, do solo lusitano e implantou-se a republica!» E o que as armas ali haviam feito, realizava-o, acto contínuo, no resto do país, pacificamente, o telégrafo!

Sim, era tão benevolia para tudo quanto viesse agora, depois de tantas inquietações e incertezas, por esse Portugal fôra, a expectativa pública, que bastou o telégrafo para em todo ele implantar a republica feita em Lisboa. E' que talvez estivesse raiando então para a nação a era de tão suspiradas prosperidades. Talvez.

E o novo regime ganhou terreno, quasi sem oposição. Mas os anos passam e as desilusões chegam.

O que tem sido de então para cá a vida nacional não precisamos de o dizer. Todos o sentem e todos o lastimam! A opressão agravou-se pela intolerância demagógica, a desordem erguer-se como onda e por toda a parte se alastrou. A nova política adotou os velhos processos e ficou digna do retrato de Pinheiro Chagas, fracionando, dividindo e lançando em mais horrível confusão todo o país, e a fome e o mal estar cresceram e proliferaram em ideias e audácia que já não consentem que haja paz e segurança em terra portuguesa, nem confiança no futuro de Portugal. O despreso pelos problemas vitais da nação aumentou e deixou que ela se abeirasse da aresta do abismo da sua

perdição pela falência, pelo descrédito e pela miséria! E assim esta data que tão grata devia ser ao povo português e merecer-lhe o mais ardente dos seus entusiasmos e amores, passa ai hoje, com a recordação dum mau sonho e quasi se não festeja mesmo oficialmente!

E porque tudo isto?

E' que essa aurora que todos vira-mos raiar com esperança nos horizontes da Patria, há dez anos, veiu alumiar, não exemplos de dedicação pelo bem público, mas scenas do Baixo império, enquanto certos grandes trunfos, aproveitando a oportunidade e sem olharem que desacatariam e desmentiriam os nobres ideais dos tempos saudosos da propaganda e conspiravam o nome português, chafurdam no lameiro das suas ambicões abjectas, cevadas á farta e regaladamente nos cofres do estado. E ao vermos assim desfeito ou transformado em pesadelo o nosso sonho côr de rosa sentimos que uma profunda tristeza de descrença nos subjuga. E só a nós? Não. António Valente deixou no seu *Livro de versos*, recentemente saído a lume estas amargas palavras de desalento, dirigidas ao Manuel Gomes Pinto:

..... tudo passou
..... e tudo é diferente
..... hoje em volta de nós, tudo mudou.

Só o nosso coração não se estragou entre estes usos novos, esta gente dagora; é quo prestamos culto ardente ainda, ao ideal que se exalte

..... não nos entendem estes tempos chatins, estes rapazes e homens que a consciencia ofertam, vendem.

E nem nós entendemos esta Ambição, tanto em nós, ainda vivazes são as ericações do Sonho e da Quimera!
Triste!...

Seleção natural?

As transformações das coisas desta vida! Ao que «A Patria» chegou! Onde vão aquelas fanfarronas e o que julgou intimidar-nos, aqueles ares doutoriais com que supoz confundir-nos, aquelas ameaças com que tentou amordaçar-nos, aquelas grosserias com que pensou ferir-nos, como se ofendesse quem quer!...

Passar-lhe agora os olhos por cima não prende a atenção, não incita a discussão, não estimula o brio do combate, não fere pela justica das suas razões, não irrita, nem intimida, não provoca a gargalhada e nem sequer faz sorrir de troça, quando muito de desdém...

Apanha e cala, apontam-se-lhe os erros e não se defende, descobrem-se-lhe as misérias e emudece, já não ameaça, já não tem o delírio da visão de monarquicos por toda a parte, encolhe-se, encobrindo-se com o velho e já gasto truc do «não ligo importância», velho e gasto de muito usado por todos aqueles que, como a «Patria», não sabem o que há de fazer á sua vida.

Começou por fingir receber-nos com benévolo acolhimento, quando já no seu íntimo receava a nossa voz; desenrolou o primeiro ataque quando supoz ainda que os nossos curtos dias seriam a sua singela força; passou á defensiva tomando ares superiores quando julgava poder intimidar-nos; depois, irritou-se toda perante a nossa alta serenidade; perdeu a compostura; em um crescendo de delírio furioso insultou, esbravejou, barafustou, espumou ódios, fusilou, cóleras, bramiu ameaças; viu-se perdida, compreendeu que a sua pena não tinha capacidade para vencer a força do nosso pensamento e desceu ao ataque pessoal, ás mais condenaveis violências, até que, em vergonhosa derrota, desapareceu da liga do bom combate para ficar nessa vida apagada e nula de agora.

E' bem a imagem do seu partido, é o espelho do programa (!) que defende: desfazem-se, reduzem-se ás miseráveis condições a que teem jás e, como esses organismos ruins, doentios e perigosos que a Natureza de si expurga em uma auto-seleção purificadora, assim eles todos — jornal, programa, partido — se vão desfazendo e libertando da sua presença esta infeliz sociedade que contaminaram; os restos de vida, que ainda tem, são a vida inferior com que os vermes se alimentam nas fermentações de todas as montureiras.

Licinio Fausto Cardoso de Carvalho

Era natural de Ovar este notável homem de letras. Nasceu nesta vila nos 13 de Janeiro de 1827. Foram seus pais o Dr. António Bernardino de Carvalho, de S. João de Cabanões, e D. Virginia Adelaida Nunes Cardoso, filha do viz de Fóra, aqui em exercício, Dr. Vicente Nunes Cardoso.

Começou seus estudos com a mira na sua formatura em Medicina, chegando a frequentar a Escola Médica do Porto; mas não levou a cabo o seu propósito, porque, um dia na aula de anatomia, um seu condiscípulo lhe fez uma partida que muito o impressionou e fez desistir do intento. Foi então matricular-se na Escola de Belas-Artes, onde concluiu brilhantemente o curso de Arquitectura, com um primeiro prémio, e dois acessos e tirou carta de engenheiro, entrando logo em serviço.

A sua primeira colocação foi na Direcção das Obras Públicas, do distrito de Santarém, donde, passado tempo, regressou ao do Porto onde o veio formando o projecto e dirigindo as obras da notável ponte da Trofa sobre o Ave e colaborando em 1846 com a Junta Governativa.

Licinio de Carvalho não podia desmentir o sangue liberal que lhe corria nas veias e assim não ficou indiferente em face do movimento dos povos do Norte contra o Governo da Rainha. Os serviços que então prestou à causa da Liberdade, foram relevantes: Tomou parte na organização da revolta ao lado da Junta, prestou o concurso do seu muito saber na direcção política do movimento, como secretário de seu pai que desempenhava as funções de Director Geral da Secretaria do Reino do Governo da Junta e arregimentou-se como alferes no Batalhão dos Fuzileiros da Liberdade.

Mais tarde tão distintos serviços foram galardoados com um alto testemunho de apreço dos Poderes Públicos, como o prova o seguinte documento: «A Junta Provisória do Governo Supremo do Reino, atendendo aos relevantes serviços que na presente crise tem prestado à Causa Nacional, Licinio Fausto Cardoso de Carvalho. Ha por bem em nome da Nação e da Rainha agracial-o com o hábito de Nossa Senhora da Conceição da Villa Vicosa, que poderá usar desde já sem dependência de qualquer outro título.

Palácio da Junta Provisória do Supremo Governo do Reino do Porto, dous de Maio de 1847. (a) José da Silva Passos, vice presidente; Sebastião de Almeida e Brito, António Luiz de Seabra, Francisco de Paula Lobo de Avila, Justino Ferreira Pinto Basto, Para Licinio Fausto Cardoso de Carvalho. Sellado com o sello branco da Junta do Porto.»

Nas horas livres das ocupações do seu cargo, dedicava-se Licinio de Carvalho com ardor ao cultivo das letras onde deixou nome bem firmado. Os jornais do tempo recolheram abundantes fructos do seu talento, lucubrações e estudo. No «Pirata», folha literária portuguesa, publicou em folhetins grande parte do romance histórico, «Virgem de Mafra», mais no diante refundido e dado à estampa em volume por sua irmã D. Branca de Carvalho. Ele mesmo deixou impressos em livros os dois dramas históricos: «O Ra-

jah de Bouisolo em 5 actos, antecedido dum notável estudo sobre a origem da arte dramática e «Os dois proscritos ou Jugo de Castella em 5 actos, o seu primeiro trabalho teatral, abusivamente publicado no Brasil com o sub-título errado de «ou Restauração de Portugal em 1640».

Nada mais nos legou publicado. Manuscrito, porém, isto ainda da sua pena o drama marítimo «Os Vallas em 5 actos, no 3º dos quais aparece o Bispo eleito da Guarda, D. Diogo Lobo, prestes a naufragar no Oceano à vista da Ermidinha de Nossa Senhora de Entreaguas (Valga), fazendo voto de a substituir por um templo sumptuoso se escapasse de tão eminente perigo. Este curiosíssimo trabalho existe e é pena que a grande alta de preço do papel e impressão tipográfica, venha obstante à sua saída a lume.

Licinio de Carvalho contraiu matrimónio, morrendo aos 28 anos, sem descendência, quando tanto prometia e era lícito esperar do seu bem formado espírito. Deu-se o fatal acontecimento aos 12 de Outubro de 1854.

Soares de Passos consagraram-lhe a sua belíssima «Elegia Moderna» chorando o seu permutro desaparecimento do mundo dos vivos e Almeida Garrett festejava-o em vida, animando-o com uma honrosíssima cesta a prosseguir nos seus trabalhos dramáticos tão auspiciosamente iniciados com «Os dois proscritos».

Luciano Simões de Carvalho deixou-nos em dois números do «Diário Mercantil», de Abril de 1862 um estudo crítico sobre a obra literária deste nosso ilustre conterrâneo, a quem o Município de Ovar comemora desde 1911, ligando o seu nome à antiga rua do Pinheiro.

M. LIBRO,

A desmoralização em tudo
Temos visto por aí, nas festas, ao baleão da sua loja, o sr. Abel Guedes de Pinho, ex-sargento das reservas, que, segundo se disse, fora preso por graves erros comuns praticados quando empregado na secretaria do distrito do recrutamento e reserva de Aveiro. Dizia-se que no foro militar corría o respectivo processo crime, ao mesmo tempo que os democráticos da forma moviam os maiores empenhos para salvar aquele seu correligionário e influente político.

Quando foi julgado um processo de transgressão, para a audiência de julgamento, foi requisitada a comparecência do Abel à autoridade militar. O Abel veiu trazendo ao lado um sargento que o guardava. Já então se praticou um abuso a que nos referimos e criticamos.

Depois disso, voltou o Abel a aparecer em público, sem rebuço, a ponto de muita gente supor que já estava em liberdade.

Esta situação precisa de ser esclarecida. On o Abel Guedes de Pinho, influente democrático, está livre, sem culpa; e nesse caso tem de ocupar o seu lugar de amanuense da Câmara e de regedor, lugares que conquistou pelos seus feitos eleitorais praticados na última eleição política; ou o seu processo ainda não terminou, e não pode por aí andar em liberdade com conhecimento das autoridades, pois ele não se esconde.

Este assunto, de alta moralidade, precisa de ser explicado — preso e a passear é que não pode ser.

PELO FURADOURO

Setembro em meio, está a praia no apogeu da sua animação, no período da sua vida mais intensa.

Despida dos europeus e louçanias das enfaticamente chamadas de primeira ordem, por onde o mundo elegante — le monde raffiné, como agora só dizer-se — arrasta o seu spleen, modesta e recatada, mas bela, desta beleza simples dos humildes, o seu vasto areal acolhe sempre com o mesmo amor todos os que nele vão procurar algumas horas de descanso, e as suas ondas, esprenguicando-se pela areia, beijam com igual ternura os pés pequenos das banhistas gentis e as pernas rechonchudas das crianças.

Quem, pelas horas inóspitas do sol poente, naqueles instantes cheios de poesia em que lá longe, na horizonte, o dia vai agonizando numa labareda que une o céu ao mar e em que como o oceano as nossas almas se incendeiam numa ilusão desce à praia a despedir-se do astro rei, não tem a preocupação de uma toilette especial, porque sabe que na nossa beira-mar está como em família.

E a mesma toilette da beira-mar serve para o passeio pelas ruas, e para as reuniões á noite na Assembleia.

A máxima simplicidade para maior comodidade.

As suas noites brancas de luar recordam-se sempre com saudade, como com saudade é relembrado o loce marulhado nas águas.

Furadouro! A quantos corações esta palavra faz reviver instantes deliciosos em que uma primeira canção de amor os fez despertar, momentos encantadores, fugazes como um lampejo de felicidade, em que num juramento, numa promessa, duas mãos se apertaram, uns lábios se uniram! A noite, especialmente às quintas e domingos, é para o salão de dança que convergem todas as nossas elegantes banhistas, e então é velas em todo o seu ritmo, em toda a sua plasticidade, encheendo a sala com a graciosidade dos seus movimentos.

Embora, como num apêgo a um fio de tradição que recetam ver partilhar, a juventude da nossa Assembleia danse quasi exclusivamente a antiga, mas sempre bela, valsa e o mais moderno «one-step», contudo também lá de vez em quando aparece o sapatear balançado das danças modernas que, como escrevia há dias alguém, são, embora com pequenas modificações, as danças das peles vermelhas e dos que finguem de civilizados.

De resto, vê como parentesis, e isto sem a mínima ofensa para as nossas gentis banhistas, achamos naturalíssimo que por essas terras além se apresentem nas salas estas verdadeiras danças de «capaches», por isso que também hoje entre a nossa melhor sociedade é lei apresentar-se em público, quasi completamente despidos, e sentar-se cruzando as pernas, até mostrar os joelhos.

C'est la mode!

E já que falamos na Assembleia, de justiça é salientar o empenho dos directores em a tornarem mais confortável e agradável iluminada por elegantes candeeiros de luz Wizard, o seu aspecto é já bem

outro, muito diferente do dos últimos anos. Continuem assim e nós lhes regatearemos os incômios.

Há dias saiu o Furadouro da sua habitual pacatez; realizou-se a «festa do mar». Dois dias de bulício, de estourar de morteiros... muito povo, musicas espalhando pelos ares os seus acordes, «afiadissimos... bandeiras e barracas por toda a parte... e novamente tudo recaiu na tranquilidade costumada.

Atraídas principalmente pela festa, muitas pessoas de fora nos visitaram ultimamente, estando o salão da Assembleia constantemente animado.

No fim deste mês devem retirar bastantes famílias já, começando então com a entrada do mês de Outubro, a chegada dos serranos, a invasão espanhola,

Num dos primeiros domingos deste mês deu-se aqui um incidente lamentável. Foi o caso que tendo-se lançado ao mar um pescador que, segundo dizem, estava meio embriagado, sobreveio-lhe uma congestão de que veio a falecer após algumas horas de baldados esforços empregados para o reanimar.

O infeliz era casado e deixava orfandade bastantes filhos.

Desta praia tem partido em passeios pela fia diversos ranchos. E a vizinhança da riba outro dos muitos atractivos do Furadouro; e um dos que, além da nossa praia, muito poucas outras o possuem, pelo que este belo pedaço de beira-mar se recomenda de preferência a quem deseje passar um mês delicioso, inteiramente diverso do que leva quem se afunda no bulício e no prazer fictício de uma praia de primeira ordem.

Segundo nos consta é definitivamente o serviço de salvavidas dos nossos banheiros. Das canas há anos vindas de Aveiro existe uma só. Bom seria que quem no assunto superintende, olhe por isso com mais cuidado.

Assim como seria de toda a conveniência que, por exemplo, no posto da guarda fiscal estivesse montado um serviço, o mais completo possível, dos medicamentos mais urgentes em caso de desastre.

E rialmente pura lamentar que, andando todos os dias sobre as vagas, que o mesmo é que dizer expostos à morte, dezenas de homens, não haja na praia mais que... aguardente e sinapismos.

O demônio, revoltado contra Job, trouxe os filhos, os bens e a saúde; mas, para mais o torturar, sabeis o que ele fez? Deixou-lhe a mulher.

M. de SCUDERY.

5 DE OUTUBRO

Passou essa data celebre, ainda lembrada por aqueles que vêm, apesar das muitas desilusões, na República, as suas aspirações políticas realizadas, e ainda alimentam a esperança de que esse regime, depurado dos vampiros, que a sugam e infameamente a exploram, poderá salvar a Patria.

Passou essa data, mas a Camara da nossa terra e os mais poderes de que os democraticos aqui estão investidos, não se incomodaram a fazer a mais pequena manifestação, que lembresse ao povo, que vive num regime de democracia e de liberdade, embora adulterada pelo bando dos Pintos do concelho. Nem as tristes luminárias, nem as bandeiras, que a Camara tem arrecadadas, poderam nesse dia drapear ao vento.

E que os bons democraticos estavam então regalando-se no lauto bodo das sinecueras, que disfrutam, refestelando-se no opíparo banquete dos empregos que sem competencia usufruem. O regabofe não podia interromper-se. Satisfeito o apetite, que se importam eles do 5 de outubro, da Republica e dos velhos princípios que outros ingénuos defenderam com risco da propria vida?

Eles vieram tarde; mas já o Evangelho dizia que «os últimos serão os primeiros» os primeiros da comesaina.

E quem não comunga nos seus princípios é por força falassa.

A Escola da Moralidade

E' um sorvedouro de dinheiro a tal escola chamada superior.

Aquilo não custaria um rial ao município, pois foi um galdão dado pelo Governo a Ovar pelo papel que Ovar, a Belgica Portuguesa, desempenhou na defesa da República — diziam.

Que farça, que comédia!

A escola não foi um prémio, foi um castigo para o município, que os finorios, os exploradores da boa fé do povo, ludibriaram.

A escola foi a toca em que os compades se anicharam: foi o ubere em que eles sugam, sem que haja dinheiro que seja bastante para sustentar tanta voracidade.

Começou o município por pagar a mobília que custou uns poucos de centos de escudos.

E a seguir foram verbas sobre verbas,

E não para.

E dinheiro para tudo.

Subsídios a esmo.

E o povo a ser sobreexigido de impostos, de licenças, de exigências.

E o vacuo nunca se preenche.

Que farça, que comédia!

Mas isso ha-de ter um fim, sem a menor dúvida.

O coelhinho não tem obrigação alguma de gastar dinheiro com a tal coisa. E porque não tem é que eles, os da Câmara, vão à sorrelha dando o dinheiro em deliberações votadas em segredo.

E para que o povo não saiba onde se some o dinheiro que lhe é arrancado por contribuições de toda a forma e feito.

Os compades pensam que isto é feude seu e que nunca acabará.

Erro: nós lhes mostraremos o contrario.

Iluminação Electrica

O incendio na fabrica da Companhia da Iluminação Electrica produzindo a falta de iluminação durante umas poucas de noites, quer nas ruas, quer nas habitações, mostrou aos habitantes da vila, a importancia desta Empresa na economia particular.

A luz electrica, além da grande comodidade, é em verdade muito económica. Hoje tornou-se quasi necessária à vida da nossa terra.

Por isso se deve aquilatar o valor dos esforços que alguns dos nossos conterraneos tem empregado para, a custo mesmo de sacrifícios penosos, obstar a que esse melhoriaamento caiá. Por isto deve haver o maior cuidado em fazer o novo contrato com a empresa fornecedora da energia electrica.

Não sabemos o que se tem passado com as alterações do primitivo contrato pedidas à Câmara, porque ela não se resolve, pelo seu jornal oficial, a dar ao município o menor esclarecimento acerca das suas deliberações sobre esse assunto, tão importante pelo que vai afetar as despesas municipais como pela influencia que exercerá no futuro financeiro da empresa da Iluminação Electrica.

Seja porém como for, deve a Câmara deliberar com a maior circunspeção, atendendo a que no futuro se não levante complicações que redundem em grave prejuízo quer do município, quer da Empresa.

E a Empresa Electrica deve maduramente pensar no modo de fazer o contrato com a Companhia que lhe vai fornecer a energia. Todos os cuidados são poucos. Lembre-se do Valdez e da primeira direcção. Um contrato como vai realizar não é coisa de pouca monta e alguém descuido basitará para comprometer capitais importantes de muita gente, que tem pouco mais do que as accções da Companhia de Iluminação.

Fazemos votos para que tudo corra no melhor dos mundos, e que todos lucrem — o município, os habitantes da vila e os accionistas da Empresa.

CARTEIRA MUNDANA

Fizeram anos:

No dia 4, o sr. Domingos Pereira Tavares e a esposa do sr. José Maria de Oliveira, proprietário da «Chapelaria Venezia»; Em 6 a sr.ª D. Emilia Marques da Silva; No mesmo dia a ex.ª sr.ª D. Alice de Araújo Sobreira; e em 7 a ex.ª sr.ª D. Eduarda de Araújo Sobreira, gentis filhas do sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira.

— Em 9 o sr. Gonçalo Lopes Carvalho; e faz amanhã o nosso bom amigo Fernando Sobreira.

Sinceras felicitações.

IMPRENSA PATRIA

SECÇÃO DE PAPELARIA

Papel almasso, pautado e liso, branco e azul, Caixas com papel e envelopes, de diversas marcas. Papel comercial, fino, para máquina de escrever. Cartão em folha e cortado em diversos formatos. Papel de seda, em cores, etc., etc.

CASA DE VERÃO

A casa onde tu moras, como flor,
seria uma vivenda incomparável
para, nos belos meses de calor,
num ambiente luminoso e agradável—
vivermos, docemente, o nosso amor.

Erguida sobre um monte que se alteia
entre socalcos frescos de verdura,
e à borda da estrada, que a ladeia,
dela se vê—ao fundo da planura
o azul do mar broslando à fina areia.

Aos pés tem pincheiras sempre virentes,
velhos carvalhos de perfil fragrante
e parreiras de palios frondentes;
e em curvas d'uma graça insinuante
a Ria e os seus braços transparentes.

Envolve-a uma paz religiosa,
a da vida das cousas que nos dão
—num meio de essência afectuosa—
em perene e fecunda gestação
uma paisagem livre, harmoniosa.

Se morassemos lá havia o luar
de abençoar honesta, santamente,
o ninho que construisse o nosso par;
quando à noite derrama, brandamente,
a sua luz de sonho pelo ar.

E havíamos de a ter muito florida,
cravos cheirosos, rosas todo o ano,
e como sua alma enternecida
n'ela crear o jardinsinho humano:
os nossos filhos—toda a nossa vida!

A casa onde tu moras, como flor,
seria uma vivenda incomparável
para, nos belos meses de calor,
—num ambiente luminoso e agradável—
vivermos, docemente, o nosso amor.

Do «Livro de Versos», de António Valente de Almeida.

Noticiario

Consórcio

Na nossa igreja matriz consorciaram-se no dia 5 a ex.ª sr.ª D. Adelaide Caldas Duarte Silva, simpática filha do nosso conterraneo sr. Belmiro Ernesto Duarte Silva, valioso oficial do exercito, e o sr. Manuel Narciso Caseiro Alves, brioso alferes de infantaria 24.

A noiva alia aos primores dumha educação esmerada excelentes qualidades de coração; e o noivo é um oficial distinto muito estimado no 3º batalhão de infantaria 24 a que pertence.

Por isso e pela mutua afição que os uniu auguramos-lhe um futuro radiante de venturas.

Partidas e Chegadas

Retirou para Odemira o nosso preso amigo e ilustre conterraneo dr. Arnaldo Fragateiro de Pinho Branco, integríssimo juiz de direito naquela comarca.

Regressaram do Furadouro com suas famílias os senhores:

José de Pinho Saramago, dr. José António de Almeida, Frederico Abragão, D. Maria Frigateiro e sua galante sobrinha Celeste Frigateiro de Matos, Augusto Fidal-

go, Augusto Abragão, Joaquim Correia Dias, D. Matilde Duarte Silva, Guilherme Lopes e Francisco Marques.

Partiu para o Furadouro com sua família o nosso amigo e correligionário Americo Valente Compadre.

Doentes

Tem estado bastante doente o menino Ivo filho do nosso amigo José Ramos.

— Tem também passado incomodado de saúde a menina Olga, gentil filha do sr. José de Pinho Saramago.

— Em Lisboa adoeceu também gravemente o nosso preso conterraneo sr. Oscar Ramos.

A todos desejamos rápidas melhorias.

Falecimentos

Victimado pela tuberculose faleceu no dia 24 do mês findo o sr. Alberto de Oliveira e Cunha.

Muito estimado pelas suas qualidades o desdito manequim, que apenas contava 23 anos de idade, era sobrinho dos nossos amigos srs. dr. Alberto de Oliveira e Cunha e dr. Joaquim de Oliveira e Cunha, ilustrados párocos respectivamente das freguesias de Ovar e da Sé do Porto, a quem enviamos a expressão sincera do nosso pezar.

— Em Coimbra, onde se encontrava em tratamento, faleceu também no dia 29 de Setembro a ex.ª sr.ª D. Rita Barbosa de Quadros.

A ilustre extinta era uma senhora primorosamente educada e de nobres sentimentos, que a todos captivava pelo seu fino trato e bondade do seu coração.

A família em luto, em especial a seu sobrinho o sr. dr. João de Sá Quadros Pereira e Melo, digno tesoureiro da filial da Caixa Económica de Ovar, enviamos sentidos pesames.

Dr. Francisco de Araujo

Retirou para Lisboa este nosso ex.º amigo acompanhado dos seus filhos Francisco e Alvaro, inteligentes académicos. A s. ex.ª as nossas afectuosas despedidas.

Nova greve ferroviária

A agravar esta já critica situação em que nos encontramos ante a desmedida carrestia da vida, surgiu uma nova greve ferroviária, anormalizando desta forma ainda mais a vida do paiz.

O pessoal da Companhia Portuguesa, solidarizando-se com os seus colegas do Minho e Douro, e Sul e Sueste, abandonaram o trabalho na terça-feira. Como porém, nem todos os empregados da C.P. aderiram ao movimento, organizaram-se, por isso, alguns comboios nesta linha.

A Central da Electrica em chamas

No dia 1 do corrente cerca do meio dia apareceu em chamas a fabrica da luz electrica desta vila. Como pôde ser aquilo? Como principiou o incendio? Mistério! Havia já coisa de meia hora que por uma das janelas do edificio saía uma nuvem de fumo, de que os transeuntes não faziam caso. Seria qualquer coisa nas caldeiras que obrigasse o maquinista a te-las acésas aquela hora. Mas a

nuvem foi aumentando e apareceram as primeiras faúlhas. Ouviu-se então na aria a voz de alarme, que se comunicou ao sino grande da vizinha igreja e depois a toda a vila. O guarda da fabrica, um pobre velho, fumava sozegadamente no seu cachimbo. Acudiu povo, vieram a guarda republicana e as bombas; fez-se cerco á casa e começou-se o assalto ao inimigo, mas com tanta pericia que o mais que se conseguisse foi deixar arder aquilo que estava ao alcance das chamas e podia arder.

Não foi pasto das labaredas todo o predio, porque, além de ser quasi incombustível, está dividido em secções, por paredes de resguardo para casos destes. Foi o que valeu. Ficaram em escombros o compartimento destinado aos dinâmos e ao depósito de material. O resto escapou. Observado isto, tudo retirou a penates,

inclusivé os bombeiros, tendo cada um a sua hipótese sobre as causas do sinistro... numa casa onde só uma fornalha podia fazer fogo! Os prejuízos foram grandes e estavam cobertos pelo seguro que nos dizem reparara tudo unicamente com o valor dos salvados. Quer dizer — foi total o prejuízo para a companhia da luz. Este fenómeno esteve prestes a causar um trans-torno levado da maré a toda a Vila que se julgou às escoras por mais de três semanas. Felizmente a Direcção, para quem todos os elogios são poucos, procedeu aos necessários reparos, com tal rapidez, que já no dia 4 tínhamos luz. Bem haja.

ANUNCIOS

DIVORCIO

Por sentença de 5 de Agosto ultimo, transitada em julgado e proferida na acção de divorcio litigioso que Manoel de Sá Pinto Junior, negociante, do logar da Ordem, freguesia de Maceda, da comarca de Ovar, moveu contra sua mulher Angelina Julia de Jesus, do mesmo lugar e freguesia, mas ausente em parte incerta, foi autorizado o divorcio dos conjuges, com os fundamentos dos numeros 1 e 5 do artigo 4º do Decreto de 3 de Novembro de 1910, o que se publica nos termos do artigo 1º do mesmo Decreto, declarando-se que a sentença foi publicada no Juizo de Direito da comarca de Ovar, onde correu a acção, na audiencia do dia 9 do dito mês de Agosto. Ovar, 2 de Outubro de 1920.

Verifiquei a exactidão.

O Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, servindo de Juiz de Direito,

Alberto Augusto da Silva Tavares, os testemunhos

O Escrivão,

Angelo Zagalo de Lima.

EDITAL

O Doutor Antonio Baptista Zagalo dos Santos, Provedor da Misericordia de Ovar:

Faz público que por espaço de 8 dias, a contar da data da publicação deste edital, se encontra exposto na Secretaria da Misericordia o 1º orçamento suplementar para o corrente ano económico, afim dos irmãos fazerem as reclamações que entenderem.

E para constar mandei passar estes e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares publicos do costume,

Ovar, 4 de Outubro de 1920.

O Provedor da Misericordia,

(a) Antonio Baptista Zagalo dos Santos.

AVIZ

Companhia Resseguradora Portugueza

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA ... CAPITAL 1.000.000\$00 ESC.

Autorizada pelo Governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e à exploração de seguros directos
por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919**Séde Social** — Rua do Carmo, 69—2.º LISBOA

Endereço telegráfico VIZA-LISBOA

Telefones: Expediente, 3919 — Administração, 5001

DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA: Calle de Alcalá, 40 — DELEGAÇÃO NO FUNCHAL: José Torquato de Freitas — DELEGAÇÃO DE VILA REAL: Americo Gomes da Costa — Em COIMBRA: Avenida Sá da Bandeira, 50-1.

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:

Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agricolas, pestais, roubo, contra quebra de cristais, automóveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas.

Quiosque-Tabacaria

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 e 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes Sameiro, rebuscados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cõr para calçado, bolsas de borracha para tabaco e muitos outros artigos.

ATLANTICA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realizado (Escudos) 150.000\$00

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

JATI Séde: Largo dos Loios, 92 — PORTO

Receita de 1914 (Esc.)	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914..	21.601\$41
» de 1915 »	71.197\$29,5	» em 1915..	25.903\$15
» de 1916 »	537.897\$94,3	» em 1916..	153.470\$90
» de 1917 »	3.139.404\$23	» em 1917..	1.427.035\$74

Afóra os que se tem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Espanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos. Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristais. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa**Agentes em todas as terras do paiz****Comissários de avarias em todos os pontos do mundo****Delegação** — Rua Mousinho da Silveira, 129

Endereço telegráfico PORTIVIZA

PORTO

Telefone — 776

R. Rio 5

Conselho de Administração:

Alberto Correia, António Barbosa, António Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Sílva.

Praça da Republica

— OVAR —

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Depósitos à ordem, com o juro de 2 1/2 %**e 3 1/2 %****Depósitos a prazo, com o Juro de 3 1/2 %****4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis / mezes e ao ano.****Saque sobre todas as localidades, aos melhores prémios.****Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.****Empréstimos caucionados, cambios, e coupons e papéis de crédito.**

IMPRENSA PÁTRIA

R. ANTERO DO QUENTAL

OVAR

Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

ARTIGOS DE PAPELARIA

IMPRENSA PÁTRIA

R. ANTERO DO QUENTAL